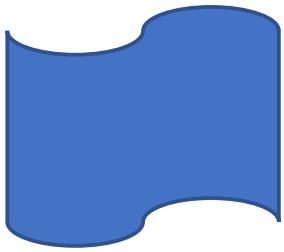
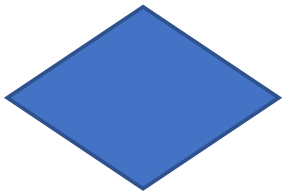


Memórias de Um Sádico

Romance



Memórias de Um Sádico

Abdenal Carvalho

Copyright ® Abdenal Carvalho 2019

Título: Memórias de Um Sádico

Categoria: Romance de Ficção

Capa: O autor

Revisão: O autor

Formato: 14,8 x 21 / 159 páginas

ISBN: 978-1687222923

Data de Publicação: 23/ 08 / 2019

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais são meras coincidências.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem consentimento escrito pelo autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n° 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal brasileiro.

SUMÁRIO

Prologo 7

Capítulo 1: Incesto 11

Capítulo 2: Dominados Pelo Prazer 49

Capítulo 3: Fodendo As Primas 83

Capítulo 4: Decepção 107

Capítulo 5: Tirando um Cabaço 119

Capítulo 6: Perdendo Meu Cabaço 137

Final: Livre da Escuridão 151

Prologo

A enfermeira ousadamente abre a cortina que encobria a vidraça transparente do quarto, deixando transparecer a claridade feita pelos raios do sorridente sol daquela manhã de verão, forçando o enfermo a acordar antes do horário que habitualmente costumava despertar.

Isso o constrangia diariamente e acendia sua ira contra aquela que foi contratada para cuidar de seus últimos dias de vida. Marcos, era um importante escritor com uma inteligência incomparável para a literatura, sua impressionante capacidade de criar histórias num breve espaço de tempo lhe rendeu vários prêmios, bem como um expansivo reconhecimento no mundo literário.

Seus leitores eram encontrados por todo o mundo e todas as suas obras tornaram-se um grande sucesso de vendas.

Porém, devido certa tendência à luxúria exagerada acabou contraindo uma grave doença que pôs fim a todos os seus possíveis sonhos a longo prazo. Em estado terminal, vivendo os últimos dias de sua curtíssima existência, escreve num laptop suas memórias. Aquela obra póstuma seria a revelação de seu lado mais vergonhoso e sombrio que poucos conheciam.

— Zenaide, será possível que nem no meu leito de morte posso repousar em paz? Por Deus, pare de me atormentar nessa droga de lugar!

— Queira me desculpar, Seu Marcos, só estou cumprindo as ordens do médico, ele determinou que o senhor acordasse cedo para tomar as medicações receitadas

— Médico infeliz... A essas horas deve de estar lá na cama com a puta de sua mulher, enquanto você me inferniza a paciência!

— Por favor, homem, pare de ficar falando bobagens, nem conhece a esposa do coitado e já a chama de puta? Eu, hem?

— Tá, prepara logo esse maldito coquetel para que eu possa tomar e voltar ao meu sossego, tenho que continuar a escrever meu livro

— Já ouvi falar no seu trabalho, falam por aí que são bons de lê. Poderia me presentear com um deles? Mas quero autografado!

— Possuo milhões de leitores espalhados mundo à fora, não preciso presentear uma enfermeira mequetrefe para tê-la como leitora. Se quer conhecer minhas histórias passe numa livraria e compre um deles pra você!

— Misericórdia, quanta amargura! Aproveite para admirar esse dia tão lindo e maravilhoso, seu chato!

— Diz isso porque não é você quem está à beira da morte, não tenho nenhuma razão pra ficar de bom humor nem admirando droga alguma! Agora faça-me um favor, caia fora daqui! Xô, fora!

Capítulo 1: Incesto

Nossa humilde morada, no Estado do Maranhão, se localizava a pelo menos um quilômetro do centro da cidade e bem às margens de uma importante rodovia, onde o tráfego era feito por todo tipo de veículos, na grande maioria de grande porte, como aquelas imensas carretas que faziam um tremendo barulho ao passar a qualquer hora do dia ou da noite.

Meu pai era do tipo reservado, fechado a diálogos e dava pouca atenção a família. Aliás, nem família nós éramos, pois os pais não se comunicavam com seus filhos, e estes, muito menos com eles. A casa onde nasci foi construída sobre um pequeno monte, para ter acesso era preciso escalar uma certa altura feita de pedras e cascalhos. As paredes eram feitas de barro, o teto coberto por um tipo comum de telhas que logo criou uma cor esverdeada por cima e preta por debaixo.

O piso era de cimento cru. Bebíamos água tirada de um velho poço escavado no quintal e guardada num pote de barro que mamãe possuía na ampla cozinha, vazia de bons móveis e cheia de burundangas.

O buraco de onde bebíamos era antigo, possuía uns seis metros de fundura e vivia o tempo todo de boca aberta na direção do céu, cheinho de baratas e sapinhos que a natureza jogava lá dentro, mas papai dizia que aquilo era bom porque eles comiam os outros insetos mais nocivos.

Meu nome é Marcos, o caçula dos quatro filhos. Sempre fui o mais peralta de todas as outras crianças da casa, vivia fazendo traquinagens e infernizava meus irmãos mais velhos. O terreno era bem extenso, um enorme sítio com diversas arvores frutíferas, lá tínhamos fartura de frutas. Muitas mangas, bananas, goiabas, melancias, canas de açúcar, melões e um número imenso de mamoeiros todos bem carregados.

Nunca compramos nada na feira do bairro, a não ser carne no açougue de Seu Eloy, onde meu pai encomendava um porco inteiro para alimentar a mulher e os quatros filhos. Como não possuíamos energia elétrica, porque o velho era do tipo antigo e gostava de acender lamparinas ao invés de lâmpadas, apesar da cidade inteira já viver na modernidade, também não tínhamos em casa nada que funcionasse à base de eletricidade.

Dessa maneira o jeito era fazer carne de sol e pendurar numa corda para não estragar. Minha coroa cozia aquela carne escura durante o mês inteiro misturada com feijão da colônia e óleo extraído das vargens do babaçu. Roupas novas não possuíamos, cada um dos moleques tinha uma calça comprida, uma camisa de mangas longas e um sapato de couro para usar somente nos finais de ano, quando éramos levados para assistir à missa na catedral.

Depois era tudo lavado e recolhido, ficava pendurado num cabide durante doze meses, quando novamente se repetia o passeio. Nos outros meses usávamos umas bermudas velhas feitas de qualquer tecido, costuradas a mão pela nossa mãe

Aos finais de semanas eu e meu irmão mais velho nos juntávamos com outros moleques e íamos subir nas altas arvores existentes às margens de um riacho que existia por detrás do cabaré das putas, localizado do outro lado da rodovia. Dali podíamos ver as vagabundas tomando banho, totalmente peladas, fazendo sexo com os machos que visitavam diariamente o puteiro. Certa vez Jairzinho, um moleque viciado em se masturbar olhando a safadeza das raparigas, enfraqueceu no exato momento em que atingiu o gozo e despencou do galho da mangueira direto no centro do riacho, delatando a todos nós para os putos que praticavam suas orgias no local.

Os caras, juntamente com as vadias, atiraram pedras nas arvores e nos expulsaram dali com várias ameaças. Jairzinho foi quem mais se deu mal, pois apanhou feio e passou dias sumido, aparecendo somente semanas mais tarde todo roxo devido as porradas.

A diversão da rapaziada chegou ao fim, não pudemos mais ir ver o rabo daquelas gostosas no igarapé por culpa daquele infeliz. A rapaziada ficou tiririca com ele, mas não deram uma sova nele devido o péssimo estado em que se encontrava o maldito dedo duro, que por não aguentar o orgasmo durante a punheta despencou dentro do riacho. Naquela época não existiam o que há nos dias atuais, a tecnologia era coisa dos países mais desenvolvidos e nem sonhávamos que algum dia viéssemos a evoluir tanto.

Hoje, a gurizada não precisa mais se arriscar na mata nem roubar revistas dos adultos para ver cenas de sexo, basta fazer uso do celular para acessar sites de vídeos pornôs e assistir de camarote vários tipos de sacanagens. Tão pouco aquele velho hábito de ficar se masturbando é necessário porque as meninas, quando começam a namorar, liberam geral e a garotada passa o sal nelas, de graça, sem ter que assumir qualquer compromisso. No meu tempo de menino era diferente, caso engravidássemos uma garota os pais vinham logo em cima da gente e nos obrigavam a casar com a descabaçada, assumir o prejuízo feito na filha.

E se não tivéssemos como sustenta-la éramos obrigados a dar nosso jeito, ir pro roçado, pegar no pesado, penar no cabo da inchada. Aqueles que se rebarbavam e resistissem cumprir com suas responsabilidades levavam chumbo grosso nos couros e desciam para descansar a sete palmos, mas hoje ficou tudo mais manso, as leis modernas até incentivam a prática sexual entre adolescentes, obrigando pai e mãe a sustentar os netos, proibindo seus filhos irresponsáveis de trabalhar.

Assim ficou muito fácil ir pra cama com a mulherada. Os desocupados dos adolescentes trepam à vontade sem sequer se preocupar em usar uma camisinha para evitar a gravidez, pois sabem que seus pais serão forçados a assumir seus atos insanos. Depois as autoridades ficam fazendo campanhas na mídia em favor das crianças abandonadas, querendo defender seus direitos à saúde, educação, a ter um lar...Se o próprio governo e essa sociedade que se diz moderna, optam por dá uma liberdade exagerada aos menores.

Quando minha irmã mais velha deu pro namorado e meu pai descobriu obrigou os dois pilantras a se casarem, esfregando uma espingarda nas suas fuças, pois na minha casa a parada era assim, comeu casou. Se bem que anos depois ela voltou de cara quebrada, levou uma surra do marido por ter colocado um enorme galho na cabeça do babaca.